

## O uso da Inteligência Artificial Generativa por estudantes de licenciatura em música: um estudo exploratório

### Comunicação

#### GTE 10 - Educação Musical, Tecnologias e Cultura Participativa Digital

*Francine Kemmer Cernev*  
*Universidade de Brasília (UnB)*  
*francine@cernev.com.br*

**Resumo:** Este artigo analisa o uso da inteligência artificial generativa (IAGen) pelos estudantes de música em sua formação acadêmica, explorando os impactos éticos e formativos dessa prática no ensino superior. Foi realizada uma pesquisa exploratória com 347 estudantes de diferentes instituições públicas brasileiras, com coleta de dados via questionário online envolvendo questões abertas e fechadas. Os resultados indicam que a IAGen já faz parte do cotidiano acadêmico, sendo utilizada em atividades como revisão de textos, elaboração de planos de aula e criação de arranjos musicais. Apesar do reconhecimento de suas potencialidades, os participantes demonstram inquietações relacionadas à padronização das produções, à autoria e à profundidade reflexiva. Além disso, chama atenção a existência de poucos debates curriculares sobre essa temática nos cursos de ensino superior, evidenciando uma necessidade formativa para os atuais cursos de formação de professores. Os estudantes expressam o desejo de que esse tema seja discutido em sua formação, apontando para a necessidade de discussões e práticas pedagógicas que promovam o uso crítico e consciente da IAGen. Ao considerar essas perspectivas, o estudo contribui para refletir sobre o lugar das tecnologias emergentes na formação dos professores de música.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial Generativa, Formação de professores, Ética na formação docente.

### Introdução

A inteligência artificial generativa (IAGen<sup>1</sup>) tem sido uma presença crescente no contexto educacional trazendo transformações nas práticas de ensino e aprendizagem no ensino superior. No contexto da formação docente em música, essa transformação se

---

<sup>1</sup> Neste artigo, faz-se a seguinte distinção. “IA” indica sistemas que analisam dados para buscar informações ou realizar tarefas, como a Alexa ao tocar uma música já existente. “IAGen baseada em prompt” indica sistemas que geram conteúdo inédito a partir de padrões aprendidos, como o ChatGPT ao produzir um texto. Nas falas dos estudantes, mantém-se o termo que cada um utilizou na coleta.

estabelece para além da geração de resumos, traduções, escrita de textos acadêmicos ou elaboração de materiais pedagógicos. Ela alcança também esferas como a criação musical e a mediação cultural, configurando novas formas de vivenciar o fazer musical no ambiente formativo. A complexidade dessas interações, contudo, apresenta um debate urgente: como assegurar a riqueza da experiência musical e a identidade do futuro educador em meio à inevitabilidade do avanço tecnológico?

Essa nova realidade apresenta desafios aos educadores. A IAGen opera por meio de lógicas algorítmicas, baseadas na extração de padrões, na estatística e na previsibilidade (Selwyn, 2019), o que pode entrar em tensão com os fundamentos da educação musical, que valorizam a escuta ativa, a criatividade, a autoria e o rompimento com estéticas cristalizadas. Tais princípios são indissociáveis das experiências humanas e das relações sociais que constituem a prática musical como expressão singular e coletiva. Assim, a presença da IAGen na formação em música necessita de reflexões cuidadosas sobre os limites e as possibilidades de sua inserção pedagógica.

É importante reconhecer que o uso da IA por estudantes de licenciatura em música já é uma realidade. Ferramentas baseadas em IAGen têm sido utilizadas na formulação de planos de aula, na criação de arranjos, na produção de jogos e atividades criativas, na composição de músicas e na revisão de textos acadêmicos (Yu *et al.*, 2023; Gohn, 2025; Zhang, 2023; Rohwer, 2023). Nesse contexto, a questão que se coloca não é mais se essas tecnologias devem ser incorporadas aos processos educativos, mas de que forma elas podem ser apropriadas de forma ética, crítica e com propósitos educacionais, contribuindo para uma formação comprometida com a complexidade da educação musical contemporânea.

Este artigo, ancorado em uma pesquisa exploratória realizada com licenciandos de diferentes instituições públicas brasileiras, tem como objetivo analisar os modos de apropriação da IAGen por estudantes de cursos de licenciatura em música, suas percepções sobre os impactos dessa tecnologia na aprendizagem e as lacunas formativas relacionadas a aspectos autorais, éticos e pedagógicos. Ao refletir sobre esses dados, buscou-se problematizar o modo como os cursos de licenciatura em música têm se posicionado diante da presença crescente da IAGen e discutir caminhos para a construção de uma prática formativa crítica e sensível no ensino de música.

## Entre o pragmatismo e a crítica

A crescente presença da IAGen no ensino superior tem colocado os formadores de professores diante de um dilema: os estudantes já estão utilizando essas ferramentas, mas como vamos mediar, orientar e/ou limitar esse uso? Essa questão extrapola os domínios da gestão ou da normatização institucional. Ela toca no cerne sobre o que entendemos por aprendizagem, autoria, reflexão e formação. Como assegurar, portanto, que os alunos não se limitem à reprodução de respostas automatizadas, mas desenvolvam análise crítica, reflexão e articulação consciente entre as tecnologias digitais e os saberes disciplinares? De que forma a IAGen pode contribuir para a construção do conhecimento, em vez de fomentar o consumo superficial e/ou padronizado de informações?

Essas preocupações ganham contornos mais complexos na formação de professores de música. Nesse campo, a IAGen afeta não apenas dimensões pedagógicas, mas também estéticas e expressivas. Reduzir tais dimensões a procedimentos tecnológicos automatizados pode comprometer a riqueza e a sensibilidade das práticas pedagógicas musicais, ameaçando o próprio sentido formativo dessas experiências. Assim, pensar o lugar da IA na formação de professores de música demanda uma postura crítica para além da incorporação tecnológica: é necessário conhecer como essas ferramentas estão sendo apropriadas e de que forma transformam os sentidos e as práticas do ensinar e aprender.

Estudos recentes têm abordado essa temática no cenário musical. Kaufman (2021), Luo (2024), Rohwer (2023), Wu *et al.* (2024); Gohn (2025), Ribeiro, Marins e Amorim (2024) e Zhang (2023), Yu *et al.* (2023) por exemplo, reconhecem as possibilidades criativas que a IAGen oferece, mas também destacam riscos importantes, especialmente quando sua utilização não é acompanhada de uma mediação docente. Um ponto comum desses artigos é a ênfase na necessidade de uma mediação intencional, capaz de promover autoria, pensamento crítico e responsabilidade na aprendizagem. Sem esse cuidado, a IAGen tende a ser utilizada como ferramenta de reprodução tecnicista, esvaziando a experiência formativa e desvalorizando a construção subjetiva e relacional do conhecimento.

Essa perspectiva ressoa com as ideias de Floridi (2018), que alerta para o fato de que a IAGen não é um agente neutro; seu uso nos processos educativos demanda uma reflexão

ética para garantir que a tecnologia amplie o protagonismo e a subjetividade dos aprendizes. Em consonância, Jenkins (2009), ao discutir a cultura participativa e Cernev (2018), focando na aprendizagem colaborativa, relatam que os aprendizes contemporâneos não são apenas receptores de conteúdo, mas cocriadores ativos de significados. Essa perspectiva torna-se ainda mais pertinente no contexto da IAGen, que permite a geração instantânea de textos, composições, arranjos e planos de aula com complexidades e detalhes que a cada dia estão mais difíceis de serem detectados pelos professores. O problema principal não reside no uso da tecnologia em si, mas no risco de que o processo formativo se transforme em consumo automatizado de soluções, muitas vezes superficiais ou até mesmo equivocadas.

Reader e Savin-Baden (2020) ressaltam dilemas éticos importantes nesse sentido, especialmente quando a tecnologia pode criar uma falsa sensação de interlocução autêntica que, na realidade, mascara processos automatizados e pouco reflexivos. Essa crítica também é apresentada por Kaufman (2021), ao alertar para o risco de uma "pedagogia da delegação", em que os estudantes deixam de se implicar ativamente nos processos construtivos. Tal delegação, no âmbito da educação musical, pode significar a perda da singularidade interpretativa, da inventividade na criação musical, e da capacidade de expressar emoções por meio do fazer musical.

De forma complementar, ao investigar a formação de professores de música nos EUA, Rohwer (2023) revela como os licenciandos vêm utilizando a IAGen para tarefas como elaboração de planos de aula, revisão bibliográfica e organização de estratégias pedagógicas. Em ambientes supervisionados, tais usos têm ampliado a criatividade docente; no entanto, ela alerta para os riscos de uma "docência automatizada", em que o professor deixa de ser mediador da experiência formativa e se torna apenas gestor de dados.

Luo (2024) reforça essa crítica ao observar que, embora eficientes em tarefas técnicas como correção de afinação ou análise de precisões rítmicas, os sistemas algorítmicos não conseguem captar com maestria alguns elementos subjetivos do fazer musical, como a expressividade, a intencionalidade e a interpretação. No entanto, algumas plataformas até fazem, mas com ênfase de padrões pré-definidos que, em muitos casos, reforçam discursos consolidados e pouco apresentam inovações para o que já foi estabelecido em outros momentos, contextos ou períodos.

Além disso, é importante considerar as advertências de autores que analisam a IAGen sob uma perspectiva crítica mais ampla. Selwyn (2019) aponta que a retórica da inovação tecnológica frequentemente oculta relações de poder, interesses econômicos e processos de padronização que podem impactar negativamente os processos educativos. Para o autor, a IAGen não é uma ferramenta neutra, mas uma construção social que deve ser analisada criticamente em seus fundamentos.

Ao se pensar em um curso de formação de professores, isso significa que o uso indiscriminado da IAGen pode comprometer dimensões fundamentais da docência em música, como a escuta sensível, o diálogo intercultural e a adaptação pedagógica aos contextos reais de aprendizagem. No caso específico da formação do professor de música, trata-se de reconhecer a IAGen não como mais uma possibilidade, mas um elemento que tem reconfigurado o próprio ato de ensinar, desafiando os educadores a sustentarem vínculos, processos criativos e curadorias críticas sobre os caminhos da aprendizagem musical.

## Metodologia

Este artigo constitui um recorte de uma pesquisa exploratória sobre o uso da IAGen no ensino superior de música. Para coleta de dados, foi desenvolvido um questionário com intuito de compreender como os estudantes de licenciatura em música tem utilizado a IAGen em seu cotidiano acadêmico. A escolha por uma abordagem mista se configurou pela necessidade em articular dados com interpretações recorrentes e compreensões subjetivas dos participantes, como ocorre em fenômenos educacionais em transformação (Creswell; Creswell, 2018). A coleta de dados ocorreu entre os dias 20 de maio e 25 de junho de 2025 de forma online, pelo *Google Forms*. O instrumento de pesquisa contou com 18 questões, sendo 16 de múltipla escolha e 6 abertas, permitindo assim obter dados estatísticos e narrativas individuais. A amostra foi composta por 347 estudantes de licenciatura de diferentes instituições públicas das cinco regiões brasileiras que aceitaram participar do estudo.

As questões fechadas tiveram como foco conhecer aspectos como frequência de uso da IAGen, principais finalidades, percepções sobre aprendizagem e autoria, experiências (positivas ou negativas) e reflexões éticas sobre seu uso. Os dados obtidos foram organizados

e apresentador por meio da análise descritiva, com uso de percentuais e frequências, observando possíveis padrões e recorrências. As questões abertas possibilitaram a coleta de relatos e reflexões individuais, que foram analisados qualitativamente a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2016). Essa análise foi conduzida por meio da seleção dos temas emergentes e posteriormente agrupadas em categorias a partir dos próprios dados coletados.

A categorização resultou na identificação de quatro eixos principais: “uso prático da IAGen”, com relatos sobre sua aplicação em atividades acadêmicas; “impactos na formação”, que contempla percepções sobre como a IAGen tem afetado o desenvolvimento das competências docentes destes estudantes; “tensões éticas”, que destacam inquietações relativas à autoria, responsabilidade e uso crítico da tecnologia; e “desejos formativos”, sobre as expectativas dos estudantes quanto à discussões sobre IAGen na formação dos professores de música.

Essas quatro categorias foram analisadas com foco nas implicações para a formação docente no ensino superior em música, sobretudo no que se refere às possibilidades para a atuação pedagógica em contextos digitais, à autonomia no uso de tecnologias educacionais e à necessidade de formação crítica voltada ao uso responsável e contextualizado da IAGen nas práticas escolares. Os dados qualitativos foram formatados usando a referência do número do respondente gerado pelo formulário, com a seguinte catalogação: (Resp.+número). Como critérios éticos, os participantes receberam um TCLE informando objetivos, anonimato e indicaram aceitar participar voluntariamente do estudo.

## **Análise dos Resultados**

O uso da IA no contexto da educação musical vem crescendo de forma acelerada, sendo uma ferramenta cada vez mais presente no dia a dia dos estudantes universitários. A maioria dos estudantes (91%) declararam ter usado a IAGen em algum momento de sua trajetória acadêmica, com diferentes finalidades e graus de frequência. As finalidades são muitas com destaque para: revisão de textos e correções gramaticais (83%), criações de roteiros didáticos ou planos de aula (63%), produção de arranjos e sugestões para criações e composições musicais (38%), busca por repertórios (37%) ou atividades musicais para contextos específicos (37%). A diversidade de usos revela que a IAGen esta presente no

cotidiano acadêmico dos estudantes, mesmo que existam ainda percepções contraditórias quanto sua influência na criatividade, expressas em comentários como “tenho usado bastante para ter ideias, mas depois eu preciso adaptar ao que preciso, porque senão fica tudo com a mesma cara” (Resp.189).

O impacto da IAGen na aprendizagem é percebido como positivo por 67% dos estudantes, que ressaltam a agilidade para realizar tarefas, a sugestão de conteúdos e a possibilidade de reescrita de textos. No entanto, surgem críticas importantes, exemplificadas por falas como “a IA me ajudou, mas me afastei da reflexão mais profunda porque ela já vinha com tudo pronto” (Resp.075) e “com a IA eu aprendi a revisar textos, mas não necessariamente a escrever melhor” (Resp.034).

Outro ponto crítico revelado pela pesquisa refere-se às discussões sobre ética, autoria e uso responsável da IAGen nos cursos de música, embora haja um desejo manifesto de que esses temas sejam incluídos. Essa lacuna é explicitada em depoimentos como “todo mundo usa IA, mas ninguém conversa sobre isso... parece que fingimos que não está acontecendo” (Resp. 112) e “queria saber mais sobre autoria e direitos, porque até onde a minha música será de direito meu se uso padrões que são da IA?” (Resp. 236), que ecoam aos diagnósticos de Franco (2023) e Sichman (2021) acerca da falta de uma ética estrutural no debate educacional em torno da tecnologia.

A partir desses dados, a análise deste recorte se organiza em quatro eixos temáticos: uso prático da IAGen, impactos formativos, diálogos e tensões éticas e desejos formativos, que são discutidos a seguir.

### Uso Prático da IAGen

O uso prático da IAGen reflete o quanto e de que forma os estudantes estão usando a IAGen em atividades cotidianas da formação. Quase todos os estudantes informaram usar a IAGen em alguma situação de aprendizagem (91%). A alta frequência no uso para revisão textual e elaboração de materiais didáticos confirma que a IAGen é vista como um recurso facilitador, especialmente para tarefas que demandam precisão e organização. Além disso, quase metade dos respondentes (38%) utiliza a IAGen para criação musical, sinalizando seu

potencial criativo. Contudo, o relato de um estudante evidencia uma dependência que pode levar à padronização e à perda da singularidade criativa:

Uso bastante a IA como ponto de partida para organizar minhas ideias, rascunhar planos de estudos, roteiros para minhas escritas ou mesmo explorar possibilidades criativas, mas sempre sinto necessidade de adaptar o que ela sugere, porque, se eu simplesmente aceitar o que vem pronto, tudo acaba ficando genérico, sem a minha identidade. Às vezes parece que diferentes pessoas estão produzindo coisas muito parecidas, e isso me incomoda. Acredito que essa padronização é porque tá todo mundo usando a IA (Resp.023).

O pensamento trazido por este estudante se alinha aos alertas de Gohn (2025), que discute os riscos de a inteligência artificial promover uma homogeneização da produção textual e uma padronização nos processos de aprendizagem, especialmente em campos que envolvem expressão artística, como a educação musical.

Penso que muitas atividades são feitas por IA, porque a IA tem conseguido fazer elas com muito mais propriedade que a gente. Veja, eu quero uma ideia, mas tenho dificuldade de colocar no papel; a IA me ajuda nessa tarefa. Mas sei que se eu não passar uma ideia autoral, ela vai me dar uma mesma resposta genérica que deve dar pra todo mundo (Resp.091).

Essa declaração explicita a tensão entre a eficiência oferecida pela IAGen e os riscos de homogeneização da produção pedagógica, sugerindo que, sem mediação autoral e intencionalidade pessoal, o uso da tecnologia pode resultar em propostas genéricas, pouco sensíveis à diversidade e ao contexto específico de cada prática educativa. No exercício da docência em música, é importante que tenhamos momentos em que a autoria dos estudantes seja valorizada, incentivar o pensamento crítico sobre as sugestões automatizadas e cultivar o diálogo sobre o processo criativo para evitar que a IAGen apague as singularidades próprias do fazer musical.

### Impactos Formativos

Os impactos formativos percebidos revelam uma tendência dos alunos em problematizarem a dicotomia entre a eficiência proporcionada pela IAGen e a preocupação

com o esvaziamento do processo reflexivo e autoral. Embora 67% dos estudantes reconheçam melhorias no processo de aprendizagem, sobretudo pela agilidade em tarefas, as declarações destacam que a facilidade oferecida pode levar a um afastamento da reflexão crítica e do desenvolvimento das habilidades essenciais para a formação docente.

Biesta (2009) alerta para os perigos de uma educação centrada no produto, que pode comprometer a experiência ética do aprendiz. Esse cenário é confirmado por depoimentos como “a IA ajuda demais, mas temos que cuidar com o que ela entrega; como não sabemos o caminho que ela fez, as repostas podem não ser reais. Se eu não conheço o assunto, como vou ter certeza do resultado?” (Resp.140). A facilidade em obter respostas prontas, embora agilize processos, pode inibir o desenvolvimento da metacognição, a busca por soluções complexas e a própria resiliência diante dos desafios acadêmicos, aspectos importantes para a formação de professores. Assim, o uso da IAGen pode, paradoxalmente, frear o amadurecimento de competências como criatividade, pensamento crítico e autonomia e dificultar a autorregulação para a aprendizagem, elementos indiscutíveis para professores em formação (Zimmerman, 2002; Cernev, 2024).

### Tensões Éticas

A discussão ética sobre o uso da IAGen no ensino superior não é apenas uma inquietação dos professores; revela-se igualmente presente na mente dos estudantes. Isso fica evidente em respostas que apontam para dificuldades concretas, como a atribuição de autoria em produções geradas com apoio da IAGen e a responsabilidade sobre o uso adequado dessa tecnologia. Os dados mostraram que quase metade dos estudantes (47%) não percebe as produções como sendo unicamente suas, dividindo-se entre aqueles que as veem como “da IA, com minha curadoria” (21%) e os que consideram uma “coautoria” (26%)

Além disso, a ausência de discussões sistemáticas e estruturadas sobre ética, autoria e uso responsável da IAGen foi reconhecida por 88% dos participantes, que relataram uma lacuna significativa em seu processo de formação (23% informaram que as discussões eram em conversas informais, 26% de forma superficial e 39% informaram que não foi discutido). Essa deficiência deixa os estudantes vulneráveis a práticas pouco reflexivas e potencialmente antiéticas. Essa constatação reforça diagnósticos anteriores de Franco (2023) e Sichman

(2021), que enfatizam a carência de uma ética estruturada nas instituições educacionais diante dos avanços tecnológicos.

A tensão entre liberdade e controle surge como um dos dilemas centrais nessa discussão. Enquanto uma parcela significativa dos participantes (45%) defende a implementação de fiscalização rigorosa e o estabelecimento de limites institucionais para o uso da IAGen, outros (29%) consideram a ética uma questão essencialmente pessoal, resumida na ideia de que “cada um faz o que quiser e o que acha que deve” (Resp.033). Esse dilema revela a complexidade de conciliar autonomia acadêmica com responsabilidade coletiva e aponta para a necessidade de políticas claras e orientações pedagógicas que equilibrem liberdade, responsabilidade e transparência. Esses aspectos são destacados também por Reader e Savin-Baden (2020) e Floridi (2018) como importantes para o desenvolvimento ético no contexto digital.

Também, a percepção de que a única forma de garantir um uso ético da IAGen seria sua completa eliminação, expressa em frases como “a única solução para que a IA seja utilizada apenas de maneira ética é a de que ela não exista” (Resp.304), revela um medo legítimo do desconhecido e do disruptivo. Esse receio, identificado em torno de 25% das respostas abertas, só pode ser superado por meio de uma formação crítica, diálogo aberto e um processo educativo que fomente o entendimento profundo das tecnologias emergentes e de seus impactos sociais e éticos. Isso implica em uma abordagem pedagógica que não apenas desmistifique a IAGen, mas que também explore suas potencialidades e limitações, contextualizando-a como mais uma ferramenta tecnológica que reflete e amplifica as complexidades da sociedade (Moran, 2017).

Esse cenário revela a necessidade de construirmos espaços institucionais que promovam uma reflexão contínua e estruturada sobre a ética da IAGen articulando o conhecimento teórico com práticas pedagógicas pontuais. A ausência dessa discussão nos cursos de formação não apenas fragiliza a preparação dos estudantes, como também compromete a missão social das instituições de ensino superior.

## Desejos Formativos

O quarto eixo revela um forte desejo dos estudantes por uma formação que inclua de forma explícita e integrada as discussões sobre IAGen e seus impactos pedagógicos. A demanda por “educação de responsabilidade e formação adequada para a utilização da IA” (Resp.162) indica a consciência da necessidade de preparar futuros professores para um mundo onde a tecnologia é parte indissociável do cotidiano educacional (Moran, 2017; Holland, 2000).

O desejo de que o tema seja tratado como um ‘eixo transversal’ (58%) ou em ‘disciplinas específicas’ (22%) mostra que os estudantes esperam uma abordagem que ultrapasse a fragmentação curricular, promovendo uma reflexão contínua e contextualizada sobre o uso da IAGen. A opção por um ‘eixo transversal’ sugere uma preferência por discussões que perpassem as diversas disciplinas do curso, permitindo que a IAGen seja problematizada em sua relação com a teoria musical, a prática instrumental, a história da música, a didática e outras áreas formativas. Já a demanda por ‘disciplinas específicas’ pode indicar o desejo por um aprofundamento técnico e conceitual mais sistemático sobre a IAGen em si, com fundamentos e aplicações mais avançadas em diálogo com conteúdos específicos.

Além disso, a “valorização de práticas que não envolvam IA”(Resp.047) sinaliza a importância de manter um currículo que promova tanto a inovação tecnológica quanto a preservação das práticas musicais tradicionais e regionais na formação de professores, fugindo de padronizações musicais já consolidadas (Luo, 2024). Esse ponto é interessante, pois a IAGen, ao operar com bases com grandes volumes de dados, tende a replicar e reforçar valores dominantes. O desafio é explorar como a IAGen pode ser utilizada para catalogar, documentar e até mesmo inspirar novas abordagens, sem, contudo, impor uma estética gerada artificialmente.

## Considerações Finais

Este artigo teve o propósito revelar, de forma introdutória e exploratória, como a IAGen tem impactado a vida dos estudantes de música no ensino superior e abrir um debate sobre seu uso na formação de professores. Os dados apontam que a inteligência artificial está

inserida na formação de estudantes de música em todo o país, refletindo-se em uma variedade expressiva de usos práticos que vão desde a revisão de textos até a criação de conteúdos musicais e o planejamento pedagógico.

A frequência elevada e a diversidade dessas aplicações indicam que a IAGen já faz parte do cotidiano acadêmico, atuando como uma ferramenta versátil e funcional. Contudo, o uso ainda se caracteriza por uma relação que mescla aproveitamento e adaptação, apontando para um processo de apropriação tecnológica que precisa ser continuamente refletido e problematizado para evitar a uniformização e a perda da subjetividade criativa.

Os impactos formativos revelam uma ambivalência importante: embora a maior parte dos estudantes reconheça que a IAGen facilita e potencializa a aprendizagem, há uma crítica significativa relacionada à superficialidade dos processos cognitivos e ao risco de esvaziamento da autoria. As falas dos participantes indicam que, apesar do auxílio prático, a IA pode afastar os estudantes da reflexão e da experiência formativa autêntica, o que reforça a necessidade de um uso pedagógico mediado e consciente.

No que diz respeito às tensões éticas, o estudo evidencia a ausência de debates estruturados sobre autoria, responsabilidade e uso crítico da IAGen na formação musical, apesar da preocupação crescente manifestada por professores e estudantes. Essa lacuna aponta para uma demanda urgente nos cursos superiores que dialogue com os desafios impostos pelas tecnologias digitais nesse contexto. Sem esse suporte, corre-se o risco de naturalizar práticas tecnológicas sem a devida crítica, fragilizando o desenvolvimento de uma postura docente capaz de interrogar e resistir às práticas hegemônicas que tendem a padronizar e instrumentalizar o conhecimento.

Além disso, os desejos formativos expressos pelos estudantes indicam uma expectativa clara por uma formação que inclua discussões sobre IAGen como parte integrante do currículo, contemplando não apenas aspectos técnicos, mas também culturais, éticos e pedagógicos. Essa demanda sinaliza oportunidades para a reformulação das práticas educativas, de modo a formar professores que saibam usar a IAGen de maneira crítica, criativa e responsável, promovendo experiências que valorizem a diversidade cultural e a justiça digital.

Embora este estudo tenha alcançado um número significativo de participantes de diversas regiões do país, sua natureza exploratória impõe limites quanto à profundidade da compreensão dos usos e das dinâmicas envolvendo a IAGen na formação musical. Os dados aqui apresentados indicam tendências e apontam questões importantes, mas não esgotam o tema, que merece investigações mais detalhadas para compreender como esses usos ocorrem na prática, suas variações contextuais e os efeitos a médio prazo sobre a formação de professores de música da atualidade.

Por fim, este artigo reforça que o uso da inteligência artificial na formação docente não é uma possibilidade futura, mas uma realidade presente que demanda respostas educativas urgentes. O desafio está em superar abordagens negacionistas, promovendo um ensino que problematize seu uso, respeite a autoria e estimule a reflexão ética, para que a IAGen seja uma ferramenta que potencialize, e não limite, a experiência formativa e artística. Como ressaltou um dos estudantes, “a IA generativa não é o problema, o problema é usar sem pensar” (Resp.239). Este é, portanto, o convite para que a formação em música caminhe com escuta ativa e sensível diante das transformações tecnológicas da contemporaneidade.

## Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016

BIESTA, Gert. Good Education in an Age of Measurement: On the Need to Reconnect with the Question of Purpose in Education. *Educational Assessment, Evaluation and Accountability*, v. 21, n. 1, p. 33–46, 2009. DOI: [10.1007/s11092-008-9064-9](https://doi.org/10.1007/s11092-008-9064-9).

CERNEV, Francine K. Autorregulação na formação de Professores de Música: estratégias e desafios na Universidade de Brasília. *Anais... XXI Encontro Regional Sul da ABEM*. Maringá, 2024.

CERNEV, Francine Kemmer. Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: uma perspectiva metodológica para o ensino de música. *Revista da Abem*, v. 26, n. 40, p. 23-40, jan./jun. 2018.

CRESWELL, John W; CRESWELL, J.David. *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches*. 5ª ed. Sage Pubns, Los Angeles, 2018 (275p)

FLORIDI, Luciano. Soft Ethics and the Governance of the Digital. *Philosophy & Technology*, v.31, n.4, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1007/s13347-018-0303-9>.

FRANCO, Mônica. Qual é o papel da ética na ética da inteligência artificial? *Kínesis*, v. XV, n. 39, p. 276-299, 2023.

GOHN, Daniel. Educação musical com inteligência artificial: caminhos e descaminhos. In: VELOSO, Braian; PARESCHI, Claudinei; MAURICIO, Gustavo; MILL, Daniel; SANTIAGO, Glauber (orgs). *Educação a Distância e Presencial na Cultura Digital: reflexões sobre inteligência artificial, inclusão e outros temas emergentes*. UFSCar, 2025.

HOLLAND, Simon. Artificial Intelligence in music education: a critical review. *Contemporary Music Studies*. v. 20, 2000. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/228554294\\_Artificial\\_Intelligence\\_in\\_music\\_education\\_a\\_critical\\_review/citations](https://www.researchgate.net/publication/228554294_Artificial_Intelligence_in_music_education_a_critical_review/citations). Acesso em 10 de junho 2025.

JENKINS, Henry. *Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st Century*. MacArthur Foundation, 2006. DOI: [10.7551/mitpress/8435.001.0001](https://doi.org/10.7551/mitpress/8435.001.0001).

KAUFMAN, Dora. Inteligência Artificial e os desafios éticos: a restrita aplicabilidade dos princípios gerais para nortear o ecossistema de IA. *Paulos*, v.5, n.9, 2021. Disponível em: <https://revista.fapcom.edu.br/index.php/revista-paulus/article/view/453>. Acesso em 03 de junho 2025.

LUO, Ziling. The Application of Artificial Intelligence Technology in Music Education. *Lecture Notes in Education Psychology and Public Media*, v. 35, p. 305-310, 2024. DOI: <https://doi.org/10.54254/2753-7048/35/20232155>.

MORAN, Jose M. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. *Revista diálogo educacional*. V.4, n.12, p. 13, 2017. DOI: [10.7213/rde.v4i12.6938](https://doi.org/10.7213/rde.v4i12.6938).

READER; John; SAVIN-BADEN, Maggi. Ethical Conundrums and Virtual Humans. *Postdigital Science and Education*, v.2, p. 289-301, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1007/s42438-019-00095-2>.

RIBEIRO, Tauan da C.; MARINS, Paulo R.A.; AMORIM, Jefferson N de. Simbiose criativa: uma perspectiva transdisciplinar de tutores artificiais na amplificação da educação musical sustentável. *Anais... XXXIV Congresso da ANPPOM*. Salvador, 2024.

ROHWER, Debbie. Research-to-Resource: ChatGPT as a Tool in Music Education Research. *Update: Applications of Research in Music Education*, v. 42, n.3, p.4-7, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/87551233231210875>.

SELWYN, Neil. *Should Robots Replace Teachers? AI and the Future of Education*. Polity. Press, 2019.

SICHMAN, Jaime Simão. Inteligência Artificial e sociedade: avanços e riscos. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 37-50, jan./abr. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.004>.

WU, Ting-Ting; LEE, Hsin-Yu; LI, Pin-Hui; HUANG, CHla-Nan; HUANG, Yueh-Min Promoting self-regulation progress and knowledge construction in blended learning via ChatGPT-based learning aid. *Journal of Educational Computing Research*, v. 61, n. 8, p. 3-31, 2024. <https://doi.org/10.1177/07356331231191125>.

YU, Xiaofei; MA, Ning; ZHENG, Lei; WANG, Licheng; WANG, Kai. Developments and Applications of Artificial Intelligence in Music Education. *Technologies*, v. 11, n. 2, p. 42., 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/technologies11020042>

ZHANG, Liang. Fusion Artificial Intelligence Technology in Music Education Teaching. *Journal of Electrical Systems*. v. 19, n.4, 2023. DOI: <https://doi.org/10.52783/jes.631>

ZIMMERMAN, B. J. Becoming a self-regulated learner: an overview. In: *Theory into practice*, v. 41, n. 2, 2002, p. 64-70. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/237065878\\_Becoming\\_a\\_Self-Regulated\\_Learner\\_An\\_Overview/stats](https://www.researchgate.net/publication/237065878_Becoming_a_Self-Regulated_Learner_An_Overview/stats). Acesso em 04 de julho de 2019.